



DIÁRIO DE NOTÍCIAS		COMÉRCIO DO PORTO	
PORTUGAL HOJE		DIÁRIO POPULAR	
CORREIO DA MANHÃ		DIÁRIO DE LISBOA	
DIA		CAPITAL	17 JAN. 1980
DIÁRIO		TARDE	
A TRIBUNA			
PRIMEIRO DE JANEIRO			
JORNAL DE NOTÍCIAS			

*te vendo*

por JOSÉ VAZ PEREIRA

I — NASCIDA PARA O MAL

**H**USTON ontem na «Sessão da Noite». Mas um Huston diferente tanto pela acção como pelo tema e até na maneira de filmar. Estamos longe aqui («Nascida para o Mal» é a segunda longa metragem do autor depois do seu memorável «Falcão de Malta») dos heróis que vêm a descobrir que nada vale a pena ou do comentário irónico sobre uma sociedade que se entredestrói a lutar por valores tantas vezes fictícios.

John Huston é aqui o executante correcto e nem sempre inspirado de uma história que, acima de tudo, um papel para Bette Davis, uma actriz nessa época no cume da sua carreira, especializada em papéis de mulher perversa, justificando a frase de que «ela nunca era tão boa como quando era má». Bette Davis, na tela, transformava-se numa peste que fazia funcionar a bilheteira.

«Nascida para o Mal» mostra-a a servir-se das pessoas, a ser egoísta e não ver além dos seus interesses imediatos. Tecendo a sua teia, vai destruindo os que a rodeiam (e até os que a amavam) até ser envolvida tragicamente pela sua fuga às responsabilidades. E, no entanto, Stanley, a sua personagem, não deixa de ter uma certa garra e uma certa grandeza.

Ainda que levemente, o filme de John Huston também alude à maneira como os negros eram tratados, de nada valendo a sua palavra contra os brancos e sendo sempre os primeiros a ir para a cadeia quando há corollações. Nesse aspecto, a análise aponta para a isso só se refira quando a Intriga o justifica. «Nascida para o Mal» é um filme com coragem para a época. Nem sempre agradável também é o retrato das «grandes famílias», com destaque para essa personagem odiosa que é o tio Wilson, com o qual Stanley, sua sobrinha, tem uma cena terrível. O tio é personificado por Charles Coburn e a sua composição ilustra o tipo de homem que sobe à custa dos outros e passa por um baluarte do sistema.

Mas é curioso ver como o filme envelheceu. Com recurso frequente ao estúdio e não utilizando com frequência os «décors» reais, «Nascida para o Mal» parece um drama de outra época passado para os anos 40. Há algo de artificial nele que contrasta com o tom documental e vigoroso de outras películas

d desse período áureo de Hollywood. E o carácter de mulher fatal de Bette Davis que frágil vem a mostrar-se, se o compararmos com a agressividade sem complexos de certas mulheres de hoje que fazem da provocação e da sedução um estilo de vida.

II — «SUSPENSE» PINTASILGO

**A** medida que o fim-de-semana se aproxima, o caso da futura decisão do novo Governo AD e particularmente do Ministro dos Negócios Estrangeiros Freitas do Amaral sobre a embaixadora Maria de Lurdes Pintasilgo, antiga Primeiro-Ministro, que iria reocupar o seu cargo na O.N.U., enche de «suspense» político o horizonte imediato. Aceitará Maria de Lurdes Pintasilgo, partidária veemente de uma nova ordem internacional e do diálogo Norte-Sul, a chapa pró-ocidental, pró-europeia e pró-N.A.T.O. da nova administração? Correrá o Governo o risco de fazer um mártir e, com um afastamento de Maria de Lurdes Pintasilgo da U.N.E.S.C.O., comprometer todo o edifício de moderação que o Primeiro-Ministro parece interessado em construir? A ver vamos. Até porque o caso Pintasilgo, lado a lado com os debates na Assembleia da República, se transformou no acontecimento da semana.